

Os Estudos De Schafer e Swanwick Na Realidade Brasileira

Helena Yaedu Gimenes (UEM)
helenaygimenes@hotmail.com

Resumo: Este relato apresenta algumas considerações sobre experiência obtida durante o estágio supervisionado do Curso de Licenciatura em Educação Musical da Universidade Estadual de Maringá (UEM). O trabalho foi desenvolvido com uma turma de 5º ano do ensino fundamental em uma escola de ensino municipal. O Objetivo deste trabalho foi desenvolver o conhecimento musical dos alunos através de atividades que possuíam como conteúdo os parâmetros do som e os elementos musicais, dentro do tripé de sustentação da Educação Musical (Apreciação, Criação e Execução), baseando o trabalho nos autores: Schafer e Swanwick. O resultado da proposta foi satisfatória, apresentando que é possível dentro da estrutura da escola (sem preparos para o ensino de música) a aplicação das técnicas dos autores mencionados anteriormente.

Palavras chaves: Estágio Curricular, Schafer, Swanwick.

Introdução

Esse artigo tem por objetivo apresentar as experiências realizadas durante a disciplina Estágio Curricular Supervisionado, do Curso de Licenciatura Plena em Música da Universidade Estadual de Maringá (UEM). As aulas foram realizadas na Escola Municipal Olga Aiub Ferreira, localizada no Conjunto Requião, no município de Maringá, durante o ano de 2012, com uma turma de 5ª série do ensino fundamental.

A turma com a qual o trabalho foi realizado era composta por 22 alunos, com idade entre dez e doze anos de idade. O Objetivo das aulas foi desenvolver o conhecimento musical dos alunos através de atividades que possuíam como conteúdo os parâmetros do som e os elementos musicais, dentro do tripé de sustentação da Educação Musical (Apreciação, Criação e Execução), baseando o trabalho principalmente nos autores: Schafer e Swanwick.

Dessa forma, as práticas privilegiaram o desenvolvimento de atividades musicais diversas, como execução de canções dos filmes do cotidiano dos alunos com instrumentos de percussão variados e com a escala de canos, atividades de arranjo musical em grupos, propostas de composição: criações e execuções de paisagens sonoras...

A proposta

Visando proporcionar a turma uma vivência musical que lhes permitisse liberdade de expressão e criação, a proposta principal das aulas foi o aprendizado musical através do fazer sonoro dos alunos (Composição e Execução), utilizando como fundamentos os estudos dos educadores Schafer (com as composições e paisagens sonoras) e Swanwick (com a técnica TECLA de ensino). As atividades convergiam todas para que ao final do semestre se chegasse a um objetivo específico que foi a criação de uma paisagem sonora completa.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais,

“Cada tipo de conteúdo da área pode ser ensinado nos três eixos da experiência de aprendizagem significativa do estudante de arte, quais sejam: a experiência do fazer, a experiência do apreciar e a experiência do contextualizar. Entretanto, cada tipo de conteúdo demanda modos de ensino e aprendizagem distintos.”
(PCN, 1998)

Nesse sentido, a música pode ser vivenciada de diferentes formas, como sugere SWANWICK (2003, pág. 180), as atividades de composição, execução e apreciação são aquelas que propiciam um envolvimento direto com a música, possibilitando a construção do conhecimento musical pela ação do próprio indivíduo. Esta junção de conteúdos foi resumida pelo próprio Swanwick na sigla inglesa Clasp. No Brasil a sigla foi adaptada: TECLA (Técnica, Execução, Composição, Literatura e Apreciação). Para o autor, o importante na proposta é que o educador considere que todos os elementos

integrantes tenham importância na transmissão do conhecimento e que todos devem ser desenvolvidos de forma equilibrada.

Para Swanwick a importância da prática musical é imprescindível, da mesma forma que Schafer afirma que:

“Todo professor precisa levar em conta suas idiossincrasias. Sinto que ninguém pode aprender nada sobre o real funcionamento da música se ficar sentado, mudo, sem entregar-se a ela. Como músico prático, considero que uma pessoa só consiga aprender a respeito de som produzindo som; a respeito de música, fazendo música” (Schafer, 1993).

Outro ponto crucial para Schafer é a relação de som e silêncio. Sobre o silêncio Schafer (1991, p. 71) discorre:

“O silêncio é a característica mais cheia de possibilidades da música. Mesmo quando cai depois de um som, reverbera com o que foi esse som e essa reverberação continua até que outro som o desaloje ou ele se perca na memória. Logo, mesmo indistintamente, o silêncio soa.”

Sobre o som Schafer comenta que “Somente no instante em que cortamos o silêncio com o som, é que nos sentimos terrivelmente livres.” (1991, p. 74). Para Schafer não há existência de som sem a existência de silêncio, e o educador deve levar essa consciência para os alunos para um melhor desenvolvimento do conhecimento sonoro, preocupado juntamente em alertar para o desenvolvimento de atividades que propiciem o envolvimento de seus alunos com as sonoridades dos ambientes (as paisagens sonoras), através basicamente de exercícios de escuta e criação sonora, no sentido de promover uma consciência sonora ambiental (dentro dos conceitos da ecologia acústica).

Mas, por que levar estes autores específicos para a sala de aula brasileira? Sandriani (2009) diz que, a paisagem sonora proposta por Schafer (1991) e o incentivo à descoberta, abrem caminhos para questões que envolvem a acústica tão prejudicada nas salas de aula. Essas salas possuem um grande problema causado pela altura do

teto, o material das paredes. O professor precisa ultrapassar todo o ruído existente para se fazer entender. O interesse de Schafer, em especial, é a criação e a análise dos sons. A possibilidade de usá-los para reconhecer diferentes alturas pode ser trabalhado com qualquer elemento sonoro disponível no ambiente. Os sons devem ser julgados e apontados de forma crítica. O silêncio deve ser experimentado como um componente que faz parte da música, sua preparação depende de concentração e treinamento. Técnicas emprestadas de outras disciplinas podem ajudar na Educação Musical, as tarefas devem se adequar às atividades.

O método TECLA já exemplificado acima, somado a preocupação de Schafer com a paisagem sonora e o silêncio, abrangeu todos os tipos de alunos, e se adaptou a estrutura da escola.

As aulas

O formato das aulas foi mantido dentro dos objetivos pré-estabelecidos. Cada aula foi apresentada de forma que, na medida do possível estivessem presentes: uma atividade de iniciação com a turma (ritmica, melódica, corporal, vocal...); um trabalho de apreciação; uma atividade de execução e um momento de composição. Não necessariamente seguindo esta ordem. Podendo assim destacar os elementos: As músicas do cotidiano, os instrumentos alternativos, a percussão corporal e as paisagens sonoras.

Para introduzir o aluno no conteúdo musical, como temas das atividades, foram utilizadas canções de filmes infantis. Iniciando assim o contato musical, com uma abordagem do cotidiano do aluno. O documento introdutório dos PCNs defende que se estabeleça uma ponte entre os conhecimentos elaborados a partir da televisão e os saberes escolares, uma vez que “os alunos tem acesso a muitas informações através deste meio [a televisão] e constroem

conhecimentos espontaneamente a partir delas. Na escola é possível provocar situações que permitam atribuir outros significados a estes conhecimentos e também a construção de outros saberes a partir destes...” (Brasil, 1997, p.56). Os temas foram recebidos de forma satisfatória pelos alunos, sendo uma turma muito tranquila não houve objeção das canções apresentadas.

Para as criações sonoras foram utilizados diversos materiais alternativos em forma de instrumentos, além de instrumentos de percussão convencionais. Tocados sempre em grupos de diversos tamanhos.

“As ampliações e probabilidades sonoras provenientes da expansão do que usamos como instrumentos musicais abrem as portas para *um sem fim* de fontes sonoras e possibilidades de produção musical. Isso favorece sobre maneiras a prática da educação musical e coloca os balões como mais um instrumento musical, por trazer uma série de possibilidades sonoras que nas mãos de educadores musicais podem tornar-se uma ferramenta importante no ensino de música” (Araldi; Fialho, 2011, pág.46).

Tanto para as criações de arranjos musicais, quanto para a sonorização de paisagens sonoras, além dos balões também foram utilizados: chapas de raio-x; jornais; sacolas plásticas; canos de PVC; entre outros. Em especial destacaram-se os canos de PVC, que foram utilizados para a construção de uma escala de canos, sendo dos instrumentos citados o único que produziu notas com alturas definidas. Os canos são muito bem recebidos em sala de aula por permitirem aos alunos uma possibilidade de tocar um instrumento melódico e harmônico sem que se tenha um grande preparo musical antecipado, além de ser um instrumento de fácil produção sonora por parte dos executantes.

A percussão corporal também foi um dos instrumentos trabalhados: como aquecimento inicial da turma; como exploração de um repertório de sons corporais (tipos de palmas (grave, estrela, estalada, flecha etc.), estalos de dedo, estalos de língua, batidas no

peito e bochecha, percussão vocal, assobios...); como criações e improvisações rítmicas.

“O corpo humano pode ser considerado nosso primeiro instrumento musical. Temos nele, desde o início, a presença do ritmo como a batida do coração, a respiração e o caminhar. São processos que envolvem regularidade, repetição e que trazem referências rítmicas. [...] [...] A criança explora ludicamente os sons do corpo e dos objetos ao seu redor...” (Barbatuques, 2011).

Os alunos passaram a entender melhor as diferenças timbrísticas e rítmicas após as atividades rítmicas corporais, permitindo a melhora na pulsação dos alunos e conseqüentemente melhorando a execução musical.

Já no quesito paisagem sonora Para Schafer (2001) a paisagem sonora é:

“Tecnicamente, qualquer porção do ambiente sonoro vista como um campo de estudos. O termo pode referir-se a ambientes reais ou a construções abstratas, como composições musicais e montagem de fitas, em particular quando consideradas como um ambiente”.

Em sala o estudo de paisagens sonoras se iniciou com uma audição atenta por parte da turma no início do ano letivo, primeiramente focando nos sons que permeavam a sala de aula.

“O professor pede para os alunos tentarem perceber os sons do próprio corpo (os batimentos cardíacos, sons produzidos pelas enzimas, pela circulação sanguínea), algum som provocado pelo movimento do corpo, ampliando essa audição para os sons da sala, para o corredor da escola, para todo o colégio, para o bairro e para o restante da cidade” (ALVES, 2010).

No decorrer do ano várias paisagens sonoras pequenas foram criadas e com o tempo os alunos foram ficando mais atentos aos sons a sua volta. Ao final do ano letivo chegamos a um trabalho onde todos os alunos improvisavam em uma grande paisagem sonora

juntos e todos conseguiam se ouvir simultaneamente. O trabalho com paisagens sonoras trouxe aos alunos uma audição mais aguçada o que fez com que a turma tivesse outra visão sobre o que os mesmos escutam no dia-a-dia.

Dificuldades

A maior dificuldade do estágio são os planejamentos. Apresentações de algumas atividades sem a devida atenção ao tempo de duração das mesmas; Algumas atividades que não prenderam em total a atenção de grande parte da turma; Ensaios que são necessários para o desenvolvimento das atividades, porém que não interessam aos alunos; entre outros detalhes que não podem ser previstos em planejamentos, só se conseguindo ter uma ideia de como seria o funcionamento dos mesmos levando as atividades para a sala de aula.

Considerações

A experiência de estágio curricular foi muito gratificante. Apesar das dificuldades encontradas, como educadora me conscientizei de que meu papel não é mais o de mera transmissora de conhecimentos, mas o de facilitadora de uma experiência musical. Foi perceptível também que é cabível dentro da estrutura da escola (sem preparos para o ensino de música) a aplicação das técnicas dos autores mencionados anteriormente, e mesmo assim proporcionar o ensino satisfatório de música aos alunos. Alvez (2009) afirma que:

“A proposta de Schafer pode ser oportunizada na escola regular brasileira por estar dirigida a toda população e não a um grupo de alunos especialmente dotados, por ter como ponto de partida observações de como fazer soar simples elementos disponíveis em sala e torná-los importantes componentes de criação. O estímulo, com certeza, faz com que as discussões cresçam e se desenvolvam. Os assuntos podem estimular o educador

a criar atividades baseadas nesses conceitos e recriar métodos para as atividades. Schafer diz que “[...] nenhuma coisa nesse livro, diz: ‘faça desse modo’. Ele apenas diz: ‘Eu fiz assim’. Ele pode estimular você a desenvolver o assunto além, e espero que isso aconteça [...]” (SCHAFER, 1991, p. 14).

Já a proposta de Swanwick se adequou a este estágio na escola por propor que:

“As aulas devem colaborar para que jovens e crianças compreendam a música como algo significativo na vida de pessoas e grupos, uma forma de interpretação do mundo e de expressão de valores, um espelho que reflete sistemas e redes culturais e que, ao mesmo tempo, funciona como uma janela para novas possibilidades de atuação na vida.” (Swanwick, 2011).

O estágio em sala foi um grande desafio, por não se adequar aos padrões do ensino de música tradicional, ao qual estava habituada. Também trouxe um grande crescimento profissional, musical e pessoal. O que levo comigo é que, é altamente satisfatório poder observar as evoluções de alunos diversos e saber que fizemos um pouco pelo crescimento dos mesmos.

Referências

- ALVES, S. M. Possibilidades De Adaptação Da Proposta Didática De Raymond Murray Schafer Para A Realidade Da Escola. Monografia. 2010. Disponível em <<http://monografias.brasilecola.com/educacao/possibilidades-adaptacao-proposta-didatica-shafer.htm>> acessado em 02/11/2012.

- ARALDI, J.; FIALHO. V. M. Sfuuuuu! Schiiii! Bum! Ploft! Balões na aula de música. Revista Música na educação básica. vol.03, 2011.
- BARBATUQUES. Objetivos e Conteúdos das Oficinas. *On Line*. Disponível em <http://www.barbatuques.com.br/br/index.php/oficinas-e-workshops/para-que-serve/> 2011. Acessado em 01/11/2012.
- BRASIL. Lei 9.394/96. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. In: Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: Ministério da Educação, 1999.
- SCHAFER, M. A Afinação Do Mundo. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.
- _____. O Ouvido Pensante. FONTERRADA, Marisa T. O.; SILVA, Magda R. Gomes da; PASCOAL, Maria Lúcia (trad.). São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1991.
- SWANWICK, K. Ensinando Música Musicalmente. São Paulo: Moderna, 2003.